

A construção do eu lírico na poesia de Narcisa Amália: uma leitura dos poemas iniciais de *Nebulosas*¹

Taís Siqueira Secco²

João Paulo Hergesel³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

Resumo

Narcisa Amália foi uma poeta brasileira do século XIX, reconhecida por sua linguagem romântica e seu engajamento em causas feministas, republicanas e abolicionistas. Este artigo realiza uma análise crítica da primeira parte do livro *Nebulosas* (1872). A pesquisa adota a metodologia proposta por Massaud Moisés, centrando-se na identificação e interpretação das metáforas e palavras-chave que estruturam os poemas. Por meio desse estudo de análise literária, observa-se que *Nebulosas* ultrapassa os limites de uma lírica meramente sentimental, articulando poesia e ideologia de forma sofisticada e engajada. Além disso, revela como a autora emprega recursos poéticos para construir uma identidade feminina combativa e nacionalista. Assim, contribui-se para a valorização de uma voz feminina ainda pouco explorada nos estudos sobre o romantismo brasileiro, reforçando sua relevância no cenário literário e histórico do século XIX.

Palavra-chave: interfaces comunicacionais; comunicação literária; comunicação poética; Narcisa Amália; *Nebulosas*.

Introdução

Publicado em 1872 pela Editora Garnier, *Nebulosas* é o único livro de poemas lançado em vida por Narcisa Amália, uma das primeiras vozes femininas da literatura brasileira a se destacar por seu engajamento em causas feministas, republicanas e abolicionistas. Por mais que algumas reedições póstumas tenham suprimido alguns dos poemas por decisões de suas respectivas editoras, a obra original, que conta com prefácio de Pessanha Póvoa, é dividida em três partes: a primeira reúne 14 poemas, a segunda 13 e a terceira 16. O poema *Nebulosas*, que dá nome ao livro, aparece logo após a introdução, antecedendo a primeira parte da coletânea.

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 21.ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Letras: Português/Inglês da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (processo n.: 2024/05050-0). Membro do grupo de pesquisa SOLARIS – Solidariedade, Ações Responsáveis e Inovação Social (CNPq/PUC-Campinas). E-mail: taissecco1515@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor da Escola de Linguagem e Comunicação e pesquisador do Programa de Desenvolvimento Humano e Integral da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa SOLARIS – Solidariedade, Ações Responsáveis e Inovação Social (CNPq/PUC-Campinas). E-mail: Contato: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

Este artigo propõe uma análise crítica da primeira parte da obra, utilizando como base a edição príncipe (Amália, 1872), disponível on-line na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, aqui reproduzidas com ortografia atualizada. A metodologia adotada, em diálogo com as noções de comunicação poética (Pignatari, 2011), segue os princípios propostos por Moisés (2007), com foco na identificação e interpretação de metáforas e palavras-chave que estruturam os poemas.

Fundamentação teórica

Anna Faedrich (2017) fala sobre o reconhecimento de Narcisa Amália como uma das primeiras poetisas brasileiras e uma figura central na literatura do século XIX. Seu trabalho *Nebulosas*, foi aclamado por críticos e recebeu prêmios significativos, destacando sua importância na literatura feminina.

Barbora (2003) expressa que para Narcisa Amália cabia ao poeta ser um agente de transformação na sociedade. Narcisa acreditava que a realização dos ideais de liberdade e igualdade dependia da difusão da educação entre o povo, pois, para ela, a poesia era uma forma de luta por liberdade, tanto coletiva quanto pessoal, já que nela expressava seus desejos mais profundos.

Ela “[...] fez parte do grupo seletivo de escritoras que conseguiram se inserir no cenário literário interdito às mulheres” (Faedrich, 2017, p. 243), abordando temas como a necessidade de liberdade e educação para as mulheres. Porém, apesar do reconhecimento inicial, a literatura de autoria feminina, como a de Narcisa, frequentemente foi negligenciada na história literária. Isso porque os valores da época não aceitavam que uma mulher assumisse posições firmes. Para Barbora (2003), alguns críticos até reconheciam seu talento, mas a aconselhavam a abandonar esse caminho enquanto ainda havia tempo. Segundo Telles (1989, p. 75):

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes.

A partir da reflexão de Telles (2007) sobre o profundo desconhecimento que temos da nossa própria história, Rago (2011) destaca que isso se deve, em grande parte, à ausência de uma herança histórica que pudesse ser transmitida às mulheres mais jovens. Essa lacuna existe porque, até então, as experiências e contribuições das mulheres eram

praticamente invisíveis nos registros da vida política, social e, sobretudo, cultural do país.

Por conta disso,

O processo de exclusão das mulheres das narrativas históricas determinou tanto a escassez de obras femininas, em comparação com as masculinas, como também sua falta de transmissão. Nunca é demais enfatizar como é importante a transmissão de um legado para a geração seguinte. Assim trata-se não só de descobrir o passado, mas também novas formas de relacionar-se com ele e de transmiti-lo (Telles, 2007, p. 2 *apud* Rago, 2011, p. 3).

Metodologia

Pignatari (2011), ao propor um olhar para a comunicação poética, recorre às ideias de Roman Jakobson, sobretudo no que se refere à função poética da linguagem. Para ele, duas figuras de retórica se destacam na organização de um poema: a metonímia, que é a substituição de uma parte pelo todo, e a metáfora, que é a relação de semelhança entre dois elementos.

Assim, a presente análise foi desenvolvida com base na abordagem proposta por Moisés (2007), uma vez que ele discorre sobre como ao analisar um poema é necessário priorizar sua essência poética e não apenas sua forma métrica. Por conta disso, o foco da análise deve ser a estrutura simbólica e metafórica, uma vez que as metáforas possuem camadas emocionais, sentimentais e conceituais, que funcionam como palavras-chave ou palavras-matriz que geram outras imagens e expressões no poema, formando um verdadeiro universo poético.

A análise, então, consiste em identificar essas palavras-chave, entender seus desdobramentos e perceber o nexo emocional e simbólico que as une. Não se trata de uma análise lógica ou racional, mas de uma leitura sensível da organização interna do poema. Portanto, analisar poesia é mais uma busca interpretativa do que uma técnica exata, pois o significado profundo do texto poético tende a se renovar a cada leitura.

Análise e discussão

O poema de abertura, *Nebulosas*, que também dá título ao livro, emprega o fenômeno astronômico das nebulosas como metáfora central para reflexões existenciais, religiosas e artísticas. Ele traz uma meditação poética sobre a busca por sentido diante da imensidão do universo, em que a beleza cósmica inspira o poeta, elevando-o espiritualmente e afastando-o da dor e da descrença. Existe, também, o contraste entre luz

e sombra, que representam, respectivamente, a inspiração e o sofrimento. Os “tristes versos” que o eu lírico declara escrever não se prendem à realidade mundana, pois tentam alcançar algo mais espiritual, rejeitando as vaidades da Terra para viver uma experiência mais pura. Os versos “Sim! São elas a mais gentil feitura / Que das mãos do Senhor há resvalado!” traz essa ideia de que as nebulosas são entendidas como criações sagradas, que encantam e trazem conforto ao poeta. Assim, a linguagem poética constrói uma atmosfera espiritualizada, onde o céu se torna metáfora da alma e a observação astronômica transforma-se em experiência religiosa e estética.

Voto, poema que abre a primeira parte do livro, é uma homenagem devocional à mãe, expressando amor filial, gratidão e desejo de felicidade. O título remete a um compromisso de amor, funcionando como uma oração que a filha dedica à mãe. A natureza, vento, flores, palmeiras, reflete os sentimentos de afeto e proteção. O tom é doce, esperançoso e reverente, com linguagem suave e rica em imagens naturais. A mensagem central é o desejo de uma vida feliz e protegida para a mãe, e, mesmo sentindo-se “pobre” diante dela, a filha oferece seu amor e orações como presente puro.

Saudades, que vem na sequência, é um lamento nostálgico e emocional sobre a perda da infância, da família e da felicidade passada. O eu lírico revive memórias queridas de um tempo e lugar que já não existem mais, expressando uma tristeza intensa e irreversível. O tom do poema é melancólico, confessional e resignado, e a linguagem é romântica, com forte carga emocional, utilizando imagens sensoriais de cheiros, sons e paisagens para acentuar a nostalgia. O uso de interjeições e apelos, como “Ai!” e “Correi, ó minhas lágrimas...”, reforça o tom dramático e sincero. A mensagem central é que a dor da saudade marca profundamente a alma e rouba todas as alegrias; diante da finitude da vida e da perda do que foi amado, a única esperança que resta é a eternidade, sugerindo uma visão espiritual como consolo final.

Linda é uma exaltação lírica à beleza, à pureza e à bondade de uma jovem, que possivelmente se chama Linda, ou simbolicamente “linda” no sentido amplo da palavra. A mensagem central do poema enfatiza a beleza como algo precioso, porém efêmero, que deve ser preservado e sublimado pela virtude e pela caridade, valorizando a pureza da juventude e orientando para que essa beleza não seja corrompida, mas empregada para o bem do próximo, como expressão de uma alma elevada. O tom do poema é romântico e idealizador, com traços de reverência e certa sacralização da figura feminina. Já o estilo é rico em imagens naturais e metáforas, como a flor, a brisa, a lótus, a lua, a relva, a

pérola, que apresentam também contrastes simbólicos, como o da flor bela e frágil levada pela enchente, que funciona como advertência contra os perigos do mundo.

Aflita traz a ideia da dor da ausência e a saudade causada por conta da partida de alguém amado. A mensagem central é a figura feminina, que aflita e sem esperanças, expressa sua angústia e amor por alguém que partiu prometendo voltar. Porém, tudo muda: o céu perde o brilho, a alegria se transforma em tristeza e ela passa a viver envolta na “mantilha da tristeza”, como se vestisse luto. A dor apresentada é tão profunda que a narradora compara a espera à morte, dizendo que, quando ele voltar, talvez já esteja sem vida. Ainda assim, mesmo no desespero, existe uma esperança de se ele voltar, poderá encontrar paz e “ventura eterna” ao lado dela, ainda que sob a sombra dos ciprestes, árvores tradicionalmente ligadas à morte. A forte carga dramática e romântica se reflete na linguagem imagética, marcada por referências clássicas e simbolismo natural, o que intensifica o lirismo do poema.

Aspiração fala sobre a pureza e a inocência da infância. A menina é descrita com traços delicados e quase celestiais, sendo associada a imagens como borboleta, anjo e criatura mágica. Mesmo suas lágrimas são preciosas, comparadas a pérolas, e sua fala é capaz de produzir “sublimes idílios”. Ao final do poema, surge um tom de advertência carinhosa, um desejo protetor de que suas “asas de lindos matizes” não sejam rasgadas pelo vício, ou seja, que ela não seja corrompida pelo mundo adulto. O tom do poema é delicado, encantado e protetor, com uma linguagem rica em imagens poéticas e comparações com elementos naturais como borboletas, flores, anjos e prismas, todos remetendo à beleza frágil e passageira da infância.

Confidência gira em torno da força de uma conexão emocional verdadeira, possivelmente uma amizade intensa ou um amor platônico, que resiste ao tempo e à distância. O eu lírico se expressa com ternura e emoção, ressaltando a importância dessa pessoa em sua vida e negando a possibilidade de esquecê-la, mesmo com o passar do tempo ou a separação física. A figura é idealizada de forma quase mística, comparada a elementos puros e reconfortantes como luz divina, orvalho e cristal, evidenciando a admiração e o respeito pela sua delicadeza e beleza espiritual. O eu lírico pede um sorriso, um sonho, qualquer gesto que possa amenizar a dor da ausência dessa presença tão querida. A linguagem apresenta uma abundância de metáforas, comparações e hipérboles para exaltar os sentimentos, idealizar a figura feminina e expressar o sofrimento diante da ausência.

Desengano revela a confissão de um coração partido que perdeu a fé nas ilusões do mundo, encontrando alívio apenas na natureza e na espiritualidade. O eu lírico, seduzido pela esperança e pelo amor, sofre com a desilusão: a inocência da infância foi destruída, restando a proximidade da sepultura. Rejeita as “pompas loucas” e os “esplendores” vazios da vida social, buscando refúgio simples entre palmares e flores, onde possa reencontrar paz. O tom melancólico e resignado se expressa por metáforas visuais como “a fauce voraz da sepultura” e “taça amarga”. O poema estrutura-se em imagens que idealizam o amor, denunciam a frieza do mundo, exaltam a natureza e apresentam a morte como libertação. O verso “Feri-me os olhos tímidos o brilho da esperança, / A luz do amor crestou-me o riso de criança...” sintetiza essa dor pela perda da inocência.

Desalento expressa a perda das ilusões, o cansaço emocional e a proximidade da morte como libertação. Nos primeiros versos, anuncia um adeus às “lendas de amor” e aos “dourados sonhos” que davam sentido à vida, reconhecendo que eram ilusões passageiras. Surge uma saudade dolorosa da juventude, quando a fantasia embalava o coração e o brilho das estrelas prometia felicidade. Essa magia é substituída por uma realidade sombria, representada por uma “densa nuvem” que apaga a inocência, dando lugar a um “futuro escarcéu”, imagem de caos e angústia. A morte não é temida, mas acolhida com alívio apático, como no verso “Cedo descansarei (que importa?) os membros / Na penumbra sombria”. O poema termina com um lamento sereno, despedindo-se das pessoas queridas e das ilusões da juventude.

Agonia aborda com sensibilidade e lirismo o momento da morte iminente, retratando a lenta extinção da vida como um processo natural, triste e solitário. A atmosfera é sombria e melancólica, e o tom do eu lírico é resignado, como se ele já tivesse aceitado a inevitabilidade do fim. Cada estrofe é carregada de simbolismo: a flor que se curva representa o corpo que perde a força; o pássaro ferido é comparado à dor causada por forças externas; a estrela apagada fala da perda do brilho interior; e a gota de orvalho é a síntese da delicadeza da vida que, ao menor calor, desaparece. Essas metáforas criam uma percepção de que a morte, embora dolorosa, é uma forma de dissolução delicada e irreversível. No encerramento, surgem imagens religiosas como a palma do martírio e o círio, ligando a dor do eu lírico a uma ideia de sacrifício e transcendência, como se a morte pudesse ser também redenção.

Consolação surge como uma resposta ao poema anterior, *Agonia*, propondo um olhar mais luminoso e espiritualizado sobre a dor, sugerindo que mesmo em meio ao sofrimento mais profundo ainda é possível encontrar beleza, conforto e redenção. O poema reconhece a existência da dor, da queda e da solidão, mas se recusa a aceitar que esses sentimentos sejam o fim. Ao contrário, sugere que o sofrimento pode ser o caminho para a glória, e que do martírio pode nascer a luz, simbolizado pelas imagens do “sol da glória”, da “palma do martírio” e do “prefulgente círio”. A voz poética assume um tom amigo, quase paternal, falando como quem tenta consolar alguém querido. Ao chamar a destinatária de “Poetisa de Deus”, o eu lírico invoca uma dimensão sagrada da arte e da existência, sugerindo que há um propósito maior mesmo nos momentos mais sombrios

Amargura expressa a melancolia de uma alma que já conheceu a beleza e o amor, mas agora está mergulhada em dor e desencanto. O eu lírico sente-se incompreendido e invisível em sua tristeza, como denuncia o verso: “O mundo que me vê passar sem um sorriso, / Não vê do meu tormento horrendo vendaval!”, crítica à indiferença social. Diante desse sofrimento silencioso, surge o desejo de liberdade e transcendência, representado por imagens de elementos da natureza — rola, nuvem, onda, íris — que simbolizam fuga e leveza. O clamor final por Deus revela uma espiritualidade sincera e um apelo por paz e acolhimento. A linguagem poética, rica em imagens naturais como açucenas, ondas e flores, traduz o contraste entre o sonho de leveza e a dureza da realidade. A metáfora da “flor virgem num paul” sintetiza a pureza aprisionada e a beleza sufocada pelo sofrimento.

Fragmentos aborda a dor existencial e a busca por transcendência, alternando entre sofrimento íntimo e esperança de fuga por meio do sonho, espiritualidade ou morte. O eu lírico compara sua alma a uma rola ferida e a um cisne que morre de amor, imagens que evocam fragilidade, solidão e dor silenciosa. A imagem do lótus “implorando do orvalho as lácteas pérolas” sugere um ser delicado clamando por consolo divino. O verso “Ó brisa, me transporta às plagas céreas!” expressa o desejo de ser levado além do mundo físico, a um lugar de paz etérea. Há saudade dos “jardins da adolescência” e o anseio de apagar a dor adulta, remontando ao paraíso “sobre as asas de místicos amores”, embalado por sentimentos puros. O poema é uma despedida poética do sofrimento terreno, com tom contemplativo e melancólico, mas não desesperado.

Cisma reflete liricamente sobre a infância perdida, a saudade da pátria e o consolo na natureza, especialmente no vento do crepúsculo. A voz poética rememora a inocência

da “rosada infância”, despertada pela “aura merencória do crepúsculo”, que conecta passado e presente. A natureza torna-se confidente da dor, trazendo memórias sensoriais do lar. A poeta lamenta a separação do berço e dos sonhos puros, sentindo uma dor profunda, quase uma morte simbólica. Contudo, há esperança no pedido para que o vento leve seu lamento ao “ninho” e traga a “primavera azul”, símbolo de renovação. Imagens como o berço, o ninho e a “campa glacial” reforçam a melancolia e a busca espiritual. A voz poética, delicada e introspectiva, confia sua saudade à natureza, amiga e guardiã de suas memórias.

Resignação apresenta uma reflexão serena e comovente sobre a dor e a saudade, revelando como a poesia pode oferecer consolo e elevação espiritual diante do sofrimento. A voz poética é marcada por uma profunda melancolia, com um olhar de ternura para o passado, especialmente para os tempos da juventude, descritos como um período de pureza, leveza e felicidade. Em contraste, o presente é retratado como uma realidade de angústia e solidão. A alegria espontânea se transforma em um “riso insano”, os olhos ardem como febre, e o corpo e o espírito parecem marcados por uma dor silenciosa e madura. A dor é vista como aquilo que a afasta da superficialidade do mundo e a aproxima de verdades mais profundas e silenciosas, como sugere o verso: “Oh! Bendita esta dor que me acabrunha, que separa-me dos cânticos ruidosos...”. A natureza, presente em imagens como a vaga, a praia, as borboletas e os perfumes, compõe um cenário sensorial que reflete o estado interior da poeta.

Considerações finais

A análise da primeira parte do livro *Nebulosas* revela a riqueza e a complexidade da poesia de Narcisa Amália, que ultrapassa a mera expressão sentimental para articular uma poesia engajada e ideologicamente potente. Por meio da metodologia de Moisés (2007), foi possível identificar como as metáforas e palavras-chave funcionam como elementos estruturantes da obra, conferindo-lhe profundidade simbólica e emocional.

A leitura atenta revela que *Nebulosas* vai além de uma lírica sentimental típica do romantismo, articulando poesia e ideologia de forma sofisticada. Os versos de Narcisa constroem uma identidade feminina combativa e nacionalista, desafiando convenções de gênero e reforçando a presença da mulher na construção simbólica da nação. Ao resgatar e valorizar sua obra, o estudo contribui para a ampliação dos horizontes dos estudos literários brasileiros, oferecendo uma nova perspectiva sobre o romantismo e

evidenciando a importância da transmissão histórica e cultural das experiências femininas. Assim, *Nebulosas* se afirma como uma obra fundamental para compreendermos a diversidade e a resistência no cenário literocultural brasileiro do século XIX.

Referências

AMÁLIA, Narcisa. **Nebulosas**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. 192 p. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8413?locale=pt_BR. Acesso em: 18 jun. 2025.

BARBOSA, Gisele Oliveira Ayres. Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <https://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.274.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FAEDRICH, Anna. Narcisa Amália, poeta esquecida do século XIX. **Soletras**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 237-253, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30950>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 16. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. Cotia: Ateliê Editorial, 2011. Acesso em: 18 jun. 2025.

RAGO, Margareth. Feminismos e História: um encontro com o passado. In: Simpósio Nacional de História, 26, 2011, São Paulo. **Anais[...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856587_e00577d55ab50b146fa73d5f55cade00.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.

TELLES, Norma. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. **R. História**, São Paulo, n. 120, p. 73-83, 1989. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593/20656>. Acesso em: 18 jun. 2025.